

A DELINQUÊNCIA NA AÇÃO COMUNISTA

Primeiro Secretário de Embaixada
ANTONIO AMARAL DE SAMPAIO

("Uma classe oprimida que não se esforça por aprender o uso das armas, bem como por obtê-las, merece ser tratada como escrava" —

LENIN.)

Movimento totalitário que busca a captura do poder político especialmente pela violência, o Partido Comunista tem revelado, por todos os países, na antiga Rússia czarista do passado, assim como no Brasil de hoje, seu natural e completo desprezo pela ética e pelo direito do Estado burguês, por ele havido como opressor da classe proletária, e cuja destruição constitui a meta decisiva de sua ação.

Na Rússia pré-revolucionária, o Partido, durante longos anos vivendo da conspiração no "underground", forjou, segundo as lições de Lenin, as técnicas políticas e publicitárias capazes de levá-lo a seu objetivo primordial; a conquista do poder. A organização das massas, o estabelecimento de bandos armados, a criação de células e quadros do Partido, as táticas de propaganda, a infiltração das Forças Armadas e nas organizações estudantis, o domínio dos sindicatos operários, o preparo dos "network" vertical e horizontal do movimento, o aperfeiçoamento dos sistemas de subversão, o recrutamento de militantes, assim como o aperfei-

çoamento de métodos de combate nas ruas, constituem tópicos da pregação leninista bem conhecidos dos estudiosos da história do comunismo. Precursor nesse último domínio da guerra revolucionária, como em outros, de Mao-Tse-Tung, de Vo Ngueyen Giap e do "Che" Guevara, Lenin estudou exaustivamente essa matéria, a ponto de, em 1905, haver traduzido para o russo, com anotações marginais, o então famoso livro do General Gustave-Paul Clausezet, um dos defensores da Comuna de Paris, sobre os princípios do emprêgo da guerrilha nos grandes centros urbanos.

Na vasta obra leninista de formulação e de tática política, capítulo pouco lembrado, mas nem por isso menos relevante, é o referente às iniciativas do Partido no domínio da delinquência de direito comum, para a obtenção tanto de fundos assinalados ao financiamento da Revolução quanto de armas destinadas à luta pelo poder.

Não é de espantar que o austero revolucionário, verdadeiro apóstolo da reforma social violenta, hoje mais lembrado como doutrinador da

conquista do poder que como homem de ação e agitador profissional, houvesse descido a êsse nível, onde os quadrilheiros não estavam ainda habituados a acotovelar-se com os militantes de movimentos políticos. Em verdade, o sofisticado desprêzo de Lenin pela moral pequeno-burguesa era tão perfeito que deveria conduzi-lo ainda mais longe; em sua obsessiva luta contra o poder czarista o futuro ditador bolchevista chegou ao ponto de aceitar, em 1904, dinheiro do Adido Militar à Embaixada do Japão em S. Petersburgo, Coronel Motojiro Akashi, para financiar a publicação de um jornal. Esse periódico, o "Vperyed", era destinado a atacar o govêrno de seu próprio país, contribuindo assim, seu principal animador, com fundos clandestinos, provenientes de potência estrangeira, declaradamente adversária da Rússia, para enfraquecer a estrutura político-social do Estado czarista.

As bases doutrinárias da participação do Partido nos domínios da criminalidade comum foram discutidas nos Congressos do Partido Social Democrata russo, realizados em 1905 e 1906. Como êsse movimento marxista e revolucionário operasse na clandestinidade, à margem da lei, com seus membros perseguidos constantemente pela "Okhrana", a terrível e dúplice policia secreta czarista, as aludidas reuniões, como outras que a precederam e a sucederam, foram realizadas no exterior em Estocolmo e em Tammerfors, na Finlândia (região do Império czarista sujeita então a regime especial). Neste último Congresso, apesar de haver sido formalmente condenado pela maioria

menchevista o envolvimento direto e ostensivo do Partido na delinquência de direito comum, decidiu-se, por iniciativa pessoal em que Lenin se empenhou a fundo, a criação do "Bureau Técnico Militar", ponta de lança destinada a realizar o delicado "dirty work" da ala extremista da Revolução, ou seja: as operações ditas "especiais", das quais necessitava imperativamente o movimento para desenvolver-se, armar-se e impor-se como vanguarda do proletariado insurreto. Anos antes, porém, G.V. Plekhanov, o verdadeiro fundador do marxismo russo, já admitia o assalto a bancos para fins revolucionários, realizado sob estreito contrôlo do Partido. Em sua famosa apologia da guerrilha ("Der Partisamenkampf, Saemtliche Werke", Band X, pgs. 113-126 (título russo Partisamenskaya Voisnsa)) publicado em 1906, Lenin escrevia a propósito dessas atividades: "A luta armada persegue dois objetivos: em primeiro lugar a finalidade é o assassinato de personalidades, tanto altos funcionários quanto subalternos, no Exército e na Policia, bem como o confisco de fundos, provenham êstes de indivíduos ou do Estado. Os fundos capturados devem ser desapropriados pelo Partido, uma parte servindo à aquisição de armas e o financiamento do preparo da revolução, outra ao sustento dos militantes profissionais que conduzem a luta".

Para justificar sua posição, repudiada pelo grupo menchevista do Partido Social Democrata, Lenin, que trouxera para sua interpretação do marxismo muito do radicalismo que caracterizava a vida política russa ao fim do século passado,

sustentou que aquele movimento, ao contrário das formas primitivas do socialismo, deveria usar técnicas e táticas de luta flexíveis e adaptadas às condições vigentes nos diversos países onde se dispunha a operar. O marxismo, para aquele seu grande intérprete e ativista da revolução, aprendia com a prática das massas, devendo empregar, para a conquista do poder, recursos que poderiam variar, segundo as circunstâncias especiais de cada país num dado momento histórico, desde a ação parlamentar clássica até a luta revolucionária, a greve geral e as "expropriações" de bens do Estado capitalista, instrumento de domínio das classes oprimidas e de burgueses beneficiários da exploração do proletariado.

Uma das funções assinaladas ao "Bureau Técnico Militar", cujas ações clandestinas evoluíam em segredo levado a limites obsessivos, foi a da organização de assaltos a bancos, em Moscou e por todo o território czarista. Tais iniciativas, além de contribuir para a desmoralização dos poderes constituídos, possibilitavam a compra de armas, o sustento material dos quadros dos militantes profissionais, então em fase de expansão, o estabelecimento de novas publicações clandestinas, a disseminação de literatura subversiva e a organização adicional de células do movimento revolucionário.

Na nomenclatura revolucionária, essas atividades dos "apaches" do bolchevismo passaram a ser conhecidas com "ex", abreviatura de expropriação ("ekspropriatzia", em russo).

Nas referidas operações, que se desenvolveram com maior intensi-

dade no Cáucaso e nos Urais, regiões de secular tradição de guerrilha e de banditismo, ganharam extraordinária notoriedade três figuras que, hoje, já ingressaram definitivamente na história do movimento comunista: o engenheiro eletricitista Leonid Borisovitch Krassin (vulgo Nikititch), o delinquente armênio Simon Ashakovitch Ter Petrossian (alinhado "Kamo"), hoje considerado "herói da União Soviética", e o então "apparatchik georgiano Iosif Vissarionovitch Djughachvili, jovem de poucas palavras e de rosto hexigoso, ainda conhecido como camarada "Koba", que egresso do seminário teológico de Tiflis, iniciava, nessa ocasião, sua tão sinistra quanto fulgurante carreira, que, logo mais, sob o pseudônimo de Stalin, iria conduzir à chefia suprema e deificada do Partido e do Estado Soviéticos. Foram, aliás, conquistados, nessa oportunidade e na luta terrorista, os primeiros títulos que promoveram Stalin ao grau inicial da alta hierarquia partidária: membro do Bureau Executivo do Comitê Central.

Leonid Krassin, posteriormente e por longos anos Embaixador Soviético em Londres e depois Paris, era o gênio conspiratório da ação ilegal que, de S. Petersburgo, assegurava as ligações necessárias à sobrevivência e ao desenvolvimento do Partido nos anos cruciais do anteguerra, quando o movimento treinava e expandia seus quadros para a "arte" da insurreição. Num época em que quase todos os dirigentes graduados do comunismo ou se encontravam no exílio ou purgavam penas de confinamento na aldeias siberianas, Krassin, verdadeiro virtuoso da trama subver-

siva e do trabalho secreto, sob a fachada burguesa de respeitável engenheiro da filial russa das grandes indústrias elétricas germânicas "AEG", levava vida extraordinariamente dúplice na antiga capital czarista. De dia era o técnico preciso e impecável que fiscalizava a fábrica de transformadores situada em Vyborg, bairro industrial na outra margem do Neva. À noite, de barba postiça, peruca e rosto maquilado, transformava-se magicamente no sombrio executivo da revolução, o Chefe do Estado-Maior das forças clandestinas na linha de frente — ou melhor, no meio do inimigo — que tornava factíveis as ordens recebidas do alto-comando do Partido, todo êle em ação fora das fronteiras russas, mas, graças à cumplicidade do Governo austro-húngaro, inimigo declarado do poder czarista, muito próximo delas.

Se Krassin determinava, entre outros empreendimentos terroristas, *as operações de assalto a bancos, alfândegas, agências postais, trens e veículos de transporte de valores*, Kamo estabelecia a tática a ser executada em cada operação, das mesmas participando pessoalmente, acompanhado de seu sinistro mentor, Stalin, georgiano e marginal como êle. O que Kamo possuía de colorido, de pitoresco, de brilhante, Stalin revelava de secreto, de sinuoso, de astucioso. Provou bem a associação criminal e clandestina dos dois aventureiros, unidos desde a mocidade por interesses comuns, um e outro tão celerados de direito comum quanto agitadores políticos. Ambos treinaram, na guerrilha e no marxismo-leninismo, mais naquela do que nesta, centenas

de marginais, mistos de delinquentes e de rebeldes, que das montanhas da Transcaucásia colocaram em xeque, pela primeira vez, em nome do movimento revolucionário comunista, a integridade territorial do poder czarista. Nessa província, entre 1904 e 1908, foram cometidos mais de 1.150 atos terroristas imputados aos bolchevistas, o que mostra a amplitude da guerra revolucionária então empreendida pela ala bolchevista do Partido Social Democrata russo.

O mais famoso assalto da dupla Kamo-Stalin ocorreu a 9 de junho de 1907, em Tiflis, capital da Geórgia, quando ambos, uniformizados de oficiais do Exército czarista, conduziram um grupo de militantes a apoderar-se do equivalente a 170.000 dólares conduzidos em diligência, com destino ao Banco do Estado, sob guarda armada de um destacamento cossaco, atacado à bomba e à metralhadora pelos celerados. 40 pessoas perderam a vida em consequência desse audacioso golpe. Outros delitos semelhantes, freqüentes no Império czarista a partir de 1904, e igualmente imputados à organização Stalin-Kamo, foram: em dezembro de 1905 o roubo de 201.000 rublos da tesouraria da efêmera República autônoma de Kuiril, no Cáucaso; em março de 1906, o assalto à Agência do Banco Agrícola, em Moscou, que rendeu 875.000 rublos; nessa mesma semana, a ação de seis marginais, fardados de soldados do 236.º Regimento de Infantaria, que se apoderaram de 375.000 rublos do Banco do Estado, sucursal de Dushet (Tiflis). Pouco depois, em outubro desse ano, registraram-se o golpe do carro pagador do Banco

do Estado e o famoso assalto à Sociedade de Crédito Mútuo de S. Petersburgo, o célebre caso do "Fornany pèrsónlok". Só nesse mencionado mês, memorável nos anais do terrorismo bolchevista, verificaram-se 47 combates de militantes comunistas com a polícia e 362 expropriações de variável grandeza. Nas referidas iniciativas, os facinorosos, adeptos de uma ideologia financiada pelo roubo, a princípio levaram a melhor, mercê do despreparo da polícia czarista para enfrentar-lhes, da surpresa de sua ação, da mobilidade revelada na execução e da audácia no planejamento dos delitos, os quais, pela sofisticada técnica e vastos recursos empregados, nada tinham de comum com os canhestros golpes da criminalidade primária, movida por interesses de ordem pessoal. As atividades dessa "societas sceleris", não se limitaram, aliás, ao território russo. Kamo tentou, logo depois, assaltar a famosa instituição de crédito germânico, o "Mendelssohn Bank", de Berlim; além disso, com o auxílio do jovem revolucionário Maxim Litvinoff, mais tarde (na década dos trinta) Ministro dos Negócios Estrangeiros do Governo soviético, os dois aventureiros lançaram-se à fabricação de moeda falsa, comprometendo, nessa atividade delituosa, a direção do matutino socialista berlinense "Vorwaerts". Os responsáveis por esse periódico, por solidariedade proletária, aceitaram adquirir para

seus camaradas russos papel de linha d'água destinado ao "Deutsche Bank", a fim de ser fabricado meio circulante com curso no "Reich" alemão, com o que a dupla aproveitou para falsificar os rublos tzaristas.

Lenin sempre admitiu à luz da ética revolucionária, não apenas a legitimidade, mas igualmente a conveniência do assalto a bancos "expropriações", como êle eufemisticamente as chamava como finalidade de fortificar as finanças do movimento. Cuidando da execução dessas iniciativas é que o grande revolucionário confessou um dia: "o Comitê Central do Partido deve possuir, em seus quadros, escritores bem dotados, organizadores ativos e *alguns criminosos de alta capacidade*."

Os assaltos aos bancos em larga escala — forma de delinquência desconhecida em nossa crônica policial — escapam, como se vê, pelos precedentes examinados, aos limites estreitos do fato criminal. *Constituem parte integral da "guerra revolucionária"* que se trava em nosso país entre a democracia, até bem pouco desprotegida e carente de meios para defender-se com eficácia, e os adeptos da medonha ditadura comunista, que, falsamente em nome do proletariado, mas, em verdade, por conta do imperialismo soviético deseja implantar-se, para desgraça coletiva, no maior país da América Latina.

18 de julho de 1969.